

AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS DO RIO GRANDE DO SUL*

*Ari Pedro Oro***

Resumo: Este texto versa sobre as religiões afro-brasileiras cultuadas no Rio Grande do Sul, a saber: o Batuque, a Umbanda e a Linha Cruzada. Após apresentar os números disponíveis sobre essas religiões, discorre separadamente sobre as principais características de cada uma delas, inscrevendo-as na própria história do Rio Grande do Sul. Enfim, são apresentadas algumas pistas explicativas do “sucesso relativo” dessas religiões neste Estado, se comparado ao que se passa no resto do país.

Palavras-chave: Batuque, Umbanda, Linha-Cruzada, Religiões afro-gaúchas.

Abstract: This text analyzes the afro-brazilian religions worshiped in Rio Grande do Sul, namely: Batuque, Umbanda and Linha Cruzada. After presenting the available data about those religions, the text points out the mains characteristics of each one, inscribing them in the history of Rio Grande do Sul. Finally, it shows some clarifying hints about the “relative success” of these religions in this State, if compared to the rest of the country.

Keywords: Batuque, Umbanda, Linha Cruzada, “Afro-gaúchas” religions.

Um dos achados mais surpreendentes do Recenseamento do ano 2000 do IBGE, no tocante ao campo religioso brasileiro, foi o de aparecer no Rio Grande do Sul o índice mais elevado do país de indivíduos que se declararam pertencentes às religiões afro-brasileiras. Foram 1,62% dos gaúchos, contra 0,3% dos brasileiros em geral e 1,31% da população do Rio de

* Uma primeira versão deste texto por publicada no livro *RS negro: cartografias sobre a produção do conhecimento*, organizado por Gilberto Ferreira da Silva, José Antônio dos Santos e Luiz Carlos da Cunha Carneiro, e publicado em Porto Alegre pela EDIPUCRS em 2008.

** Professor Associado do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Janeiro, que ocupa o segundo lugar. E mais: enquanto entre as décadas de 1990 e 2000 houve, no país, uma diminuição de indivíduos que afirmaram sua identidade religiosa associada às religiões afro-brasileiras, no Rio Grande do Sul houve um aumento de 33,6%. A surpresa destas constatações resulta especialmente do fato do Rio Grande do Sul produzir sobre si mesmo uma auto-imagem, com repercussões para fora dele, de ser um estado branco, cristão, colonizado e habitado por imigrantes europeus e gaúchos, ofuscando e mesmo excluindo os negros e os índios (OLIVEN, 2006).

Ora, contrariamente ao processo ideológico de invisibilização étnica, esses dois grupos étnicos historicamente prestaram inestimável contribuição para a construção da riqueza desse estado e os afro-descendentes constituem hoje parcela significativa dos seus habitantes (12,6%)¹, e têm a ele dado importante contribuição sócio-cultural. Além de centenas de palavras, em sua maioria Banto, incorporadas em nosso vernáculo (LAYTANO, 1936), e de manifestações sócio-religiosas como o Maçambique de Osório, o Quicumbi de Rio Pardo e os Ensaios de Mostardas (FERNANDES, 2004), manifestações afro-religiosas integram o campo religioso deste estado.

Pode-se mesmo falar da existência de religiões afro-gaúchas, as quais constituem um complexo formado por diferentes expressões religiosas, com destaque para o Batuque, a Linha Cruzada e a Umbanda. Há termos genéricos para se referir a elas, uns advindos de fora desse campo religioso, sendo, por isso mesmo, portadores de certo preconceito, como “saravá” e “macumba”, e outros empregados no interior do campo religioso, como “religião”, “povo de religião”, “nação”.

Iniciemos pelos números para depois analisarmos as diferentes expressões religiosas afro-gaúchas.

¹ Segundo dados do IBGE, retirados do Censo 2000, a população que se reconheceu preta no Estado do Rio Grande do Sul foi de 527.144 pessoas, e parda 762.365 pessoas, perfazendo 1.289.509 pessoas, sobre um total de 10.187.798, que foi, na ocasião, a população total recenseada para o Estado.

ALGUNS NÚMEROS DAS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS

Relativamente aos números que conformam o campo afro-religioso gaúcho há lacunas estatísticas a serem preenchidas. Mesmo assim, os estudiosos e líderes religiosos estimam em cerca de 30.000 terreiros espalhados em todo o estado, com maior concentração na região metropolitana de Porto Alegre (CORREA, 2007). Aliás, um censo sobre o número de terreiros existentes em Porto Alegre está sendo elaborado pela Secretaria de Cultura do município e seus resultados serão divulgados em breve. Ainda segundo Correa, a distribuição dos terreiros segundo as diferentes modalidades religiosas seria da ordem de 5% do total para a Umbanda pura, 15% para o Batuque puro e 80% para a Linha Cruzada (CORREA, 1994:14-15).

Quanto ao número de indivíduos que se declaram pertencentes às religiões afro-gaúchas, o último dado disponível é aquele apresentado pelo IBGE, obtido no censo 2000. Trata-se de 1,62% da população gaúcha, ou 121.180 pessoas, sendo 112.133 que se declararam membros da umbanda e 9.047 do candomblé/batuque². Seja como for, levando-se em conta o fato de que em todo o país o mesmo Censo revelou que o total de umbandistas e candomblecistas é de 525.013 indivíduos, o Rio Grande do Sul concentra 23% do total de membros das religiões afro-brasileiras do Brasil.

Evidentemente que esses números, tanto os relativos ao Rio Grande do Sul quanto ao Brasil, não podem ser tomados como verdades cientificamente comprovadas. R. Prandi sustenta, com toda razão, que eles estão subestimados ao menos pela metade, se levarmos em conta o que revelaram outras pesquisas, e isto se deve

² Como se pode ver, paira uma dúvida sobre a porcentagem obtida pelo IBGE, segundo os cálculos realizados pelos seus técnicos. Considerando que a população total do estado do Rio Grande do Sul foi, em 2000, de 10.187.798 pessoas, 1,6% deste total - porcentagem avaliada de religiosos afro-brasileiros - a soma deveria ser 163.004 e não 121.180 pessoas, que consiste na adição dos umbandistas e candomblecistas neste Estado. A conta feita a partir destes últimos números indica uma porcentagem de 1,18%.

“às circunstâncias históricas nas quais essas religiões se constituíram no Brasil e ao seu caráter sincrético daí decorrente (...). Por tudo isto, é muito comum, mesmo atualmente, quando a liberdade de escolha religiosa já faz parte da vida brasileira, muitos seguidores das religiões afro-brasileiras ainda se declararem católicos” (PRANDI, 2003, p. 16).

AS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS

O Batuque representa a expressão mais africana do complexo afro-religioso gaúcho pois a linguagem litúrgica é yorubana, os símbolos utilizados são os da tradição africana, as entidades veneradas são os orixás e há uma identificação às “nações” africanas. A Umbanda representa o lado mais “brasileiro” do complexo afro-religioso, pois se trata de uma religião nascida neste país, fruto de um importante sincretismo entre catolicismo popular, espiritismo kardecista, concepções religiosas indígenas e africanas. Seus rituais são celebrados em língua portuguesa e as entidades veneradas são, sobretudo, os “caboclos” (índios), “pretos-velhos” e “bejis” (crianças), além das “falanges” africanas. Por fim, a Linha Cruzada, como sublinha Norton Correa, “cultua todo o universo de entidades das outras duas modalidades, a eles acrescentando as figuras do exu e da pombagira” (CORREA, 1994, p. 10).

Outro elemento importante na diferenciação das três expressões religiosas radica na imolação do sacrifício de animais. Ele está ausente na Umbanda, mas figura no Batuque e na Linha Cruzada. No mais, todas elas são religiões de possessão, ou seja, as entidades espirituais se apoderam e ocupam os médiuns e os filhos-de-santo mediante o estado de transe; religiões de iniciação, isto é, o ingresso na religião ocorre através de uma série de rituais que visam aprofundar a integração do sujeito a ela; religiões mágicas, no sentido de atender às demandas específicas dos sujeitos, sobretudo nas áreas da saúde, econômica e sentimental; religiões emocionais, que envolvem o indivíduo como um todo, o corpo ocupando um lugar de destaque; religiões universais, pois estão abertas aos indivíduos das distintas camadas

sociais e diferentes grupos étnicos; e religiões transnacionais, ou seja, interação com indivíduos de outros países, sobretudo aqueles que fazem fronteira com o nosso estado: argentinos e uruguaios (FRIGERIO, 1989; FRIGERIO e CAROZZI, 1993; PI HUGARTE, 1997; ORO, 1999; DE BEM, 2007)³.

Vejamos agora, mais especificamente, cada uma das religiões afro-gaúchas.

O BATUQUE

Tudo indica que os primeiros terreiros de Batuque começaram a funcionar na região de Rio Grande e Pelotas. Para o historiador Marco Antônio Lirio de Mello - que fez uma ampla pesquisa nos jornais de Pelotas e Rio Grande do século XIX -, a presença do batuque é atestada nesta região desde o início do século XIX (LIRIO DE MELLO, 1995). Também N. Correa situa o período inicial do batuque nesta região entre os anos de 1833 e 1859 (CORREA, 1992).

Quanto ao mito fundador do batuque, há duas versões correntes: uma que afirma ter sido ele trazido para o Rio Grande do Sul por uma escrava vinda de Pernambuco; e outra que não associa a um personagem, mas às etnias africanas que o estruturaram enquanto espaço de resistência simbólica à escravidão.

O batuque divide-se em “nações”, ou “lados”, tendo sido, historicamente, os mais importantes os seguintes: Oyó, tido como a mais antiga do estado, mas tendo hoje aqui poucos representantes e divulgadores; Jeje, cujo maior divulgador no Rio Grande do Sul foi o Príncipe Custódio, um príncipe africano que viveu neste estado de 1889 a 1935, ano de sua morte (SILVA, 1999); Ijexá, Cabinda e Nagô são outras nações de destaque neste estado, com predomínio, na atualidade, dos “lados” Jeje-Ijexá (BRAGA,

³ Para uma compreensão da dimensão transnacional das religiões afro-gaúchas, ver o texto de De Bem, neste volume.

1998). Note-se que o Keto esteve historicamente ausente neste estado, vindo somente nos últimos anos a ser integrado, através do candomblé.

Independentemente das “nações”, o Batuque do Rio Grande do Sul cultua doze orixás, a saber: Bará, Ogum, Iansã (ou Oiá), Xangô, Oba, Odé/Otim, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A cada um deles são atribuídas características específicas, símbolos, animais sacrificados e correspondências com santos católicos, resultantes dos mitos relatados nas duas tradições religiosas⁴.

A tabela a seguir sintetiza os aspectos mencionados dos orixás do Batuque⁵.

Tabela I - Orixás do Batuque do Rio Grande do Sul

Orixá	Atribuição	Símbolos	Animais sacrificiais	Correspondência com santos católicos
Bará	Dono das encruzilhadas; abridor dos caminhos; Representa a força vital que movimenta o universo. Mensageiro dos orixás; orixá da sensualidade.	Chave, foice, moedas, corrente, tridente	bode, galo vermelho.	S. Antônio, S. Pedro e São Benedito
Ogum	Dono do trabalho em metal e da agricultura, guerreiro (demanda)	Ferramentas em geral, espada, faca, bigorna, martelo, malho, lança, lima.	bode escuro, galo vermelho	São Jorge no Sul, Santo Antônio, na Bahia

⁴ Para uma análise de praticantes das religiões de matriz africana acerca dos orixás, com suas características, axés e cantos, ver Verardi, 1990; Alves, s/d; Ferreira, 1994; Ferreira, 1997.

⁵ Para uma análise das características de cada um dos orixás, bem como do ciclo de rituais celebrados no Batuque, ver, sobretudo, Correa, 1992; e Braga, 1998.

Iansã	Dona dos raios, ventos, tempestades e das águas	Espada, taça, pulseira, alianças	cabra cor de laranja e galinha vermelha	S. Bárbara
Xangô	Orixá do trovão, da justiça e do fogo	Balança, machado (duplo) e livro	carneiro, galo e pombos brancos	Jovem: São Miguel Arcanjo. Velho: São Jerônimo
Obá	Sangue, ouvido, dona do lar	Navalha, roda de madeira, timão, orelha	galinha cinza, cabra marrom, mocha e não Coberta	Santa Catarina
Odé/ Otim	Orixás da caça, fala, sono	Arco e flecha, cântaro, bodoque	porco, galo carijó	Odé: São Sebastião Otim: Santa Efigênia
Ossanha	Dono das folhas, protetor de doenças internas, pernas, ossos	Muleta, tesoura, agulha, linha de coser	bode, galo arrepiado	São José, Santo Onofre
Xapanã	Protetor de doenças epidêmicas (varíola, lepra, cólera)	Vassoura, corrente de aço	bode com aspas de qualquer cor menos preto, galo prateado	Jovem: São Lázaro Velho: Cristo das Chagas
Oxum	Dona da água doce, ouro, riqueza, amor, vida	Leque, espelho, dinheiro, corrente dourada, pente	cabra, galinha amarela	N. S. da Conceição, N. S. Aparecida

A UMBANDA

A primeira casa de umbanda no Rio Grande do Sul foi também fundada na cidade de Rio Grande, em 1926. Chamava-se “Reino de São Jorge” e foi estabelecida pelo ferroviário Otacílio Charão. De Rio Grande a Umbanda foi trazida para Porto Alegre em 1932 pelo capitão da marinha Laudelino de Souza Gomes, que fundou nesta capital a Congregação Espírita dos Franciscanos de Umbanda, existente até os dias atuais (ORO, 2002).

Na Umbanda do Rio Grande do Sul são cultuados “caboclos”, “pretos-velhos”, “crianças” (Ibeji), além das “falanges” africanas. Outrora era também cultuada a “linha” do “povo do oriente”, hoje quase em extinção. Segundo os umbandistas, tratava-se de entidades bondosas, bastante evoluídas e que transmitiam vibrações puras. Seus médiuns, incorporados, adotavam a postura corporal e os gestos dos povos do Oriente: chineses, indianos, árabes e ciganos. Hoje o “povo cigano” foi transformado em Linha de Exu. Quanto aos guias orientais, manifestam-se em poucas casas que trabalham com o que denominam de Junta Médica.

As entidades de falanges africanas são as de Ogum (Beira-Mar, Das Matas, Da Rua, Tira-Teima, Rompe-Mato, Tibiri), a quem se oferece churrasco/cerveja e são sincretizadas com São Jorge; Iansã (mata, cachoeira), se oferece pipoca/frutas e é sincretizada com Santa Bárbara; Xangô (pedreira), se oferece amalá/frutas e é sincretizado com São Jerônimo; Oxossi (mata), come costela de porco e corresponde a São Sebastião do catolicismo; Xapanã (mata), come frutas e é sincretizado com São Lázaro; Oxum (cachoeira, água doce), se oferece canjica amarela e é sincretizada com Nossa Senhora; Iemanjá (água), se oferece canjica branca e é sincretizada com Nossa Senhora dos Navegantes e Oxalá (ar), a quem se oferece canjica branca e é sincretizado com Jesus Cristo.

Além disso, na Umbanda são venerados os Pretos-Velhos, que recebem os seguintes nomes: Pai Antônio, Pai Matias, Pai Cipriano, Pai Joaquim, Pai João, Pai Jacó, Pai Antônio do Congo, Pai Moçambique, Pai Thomas, Pai Miguel das Almas, Pai João de Angola, Pai Benedito e Pai Miguel de Aruanda.

As Pretas-Velhas mais nominadas são as seguintes: Mãe Maria, Mãe Maria Conga, Mãe Joaquina, Mãe Benedita, Tia Chica de Angola, Vovó Sebastiana, Vovó Benedita, Vovó Catarina, Vovó Cambinda e Vovó Luiza.

Nenhuma das últimas entidades são sincretizadas com santos católicos.

Os Caboclos mais conhecidos na Umbanda gaúcha são: Pena Verde, Folha Verde, Iara, Jupira, Jurema, Arranca-Toco, Sete Flechas, Rompe-Mato, Ventania, Jussara, Pena Branca, Ubirajara Peito de Aço, Tupinambá, Tupi, Tupã, Ubirajara, Ubiratã, Aimoré, Guaraci, Água Branca, Tamoio, Guarani, Estrela do Mar, Sereia do Mar, Jandira, Jacira, Cabocla da Praia, Cabocla Sete Ondas, Estrela D'Alva e Itayara. Eles também não são sincretizados com santos católicos.

A LINHA CRUZADA

Trata-se de uma expressão religiosa relativamente nova, iniciada, tudo indica, na década de 1960. Constitui, porém, a que mais tem crescido neste estado, sendo cultuada hoje, como já foi dito, em cerca de 80% dos terreiros. Segundo Norton Correa, as principais razões para o crescimento da Linha Cruzada seriam as seguintes: os custos dos rituais são mais baratos do que os do batuque; o aprendizado geral é mais simples do que o do batuque; seus membros podem reunir e somar a força mística do batuque com a da umbanda (Correa, 1992).

A proliferação de terreiros *cruzados* tem provocado um conflito intergeracional na comunidade afro-religiosa sul-riograndense posto que os “mais velhos” na “religião” tendem a considerar essa inovação como uma “deturpação” por parte dos mais jovens, ao mesmo tempo em que expressa em parte também um conflito entre os “conservadores” e os “modernos”.

As entidades cultuadas na Linha Cruzada são os Exus e suas mulheres míticas, as Pombagiras. Dividem-se, como se pode ver na tabela a seguir, em entidades do “cruzeiro”, do cemitério, da praia e da mata. As cores vermelha e preta são atribuídas a essas entidades. A elas são oferecidas comidas secas e de sangue. As comidas secas dos Exus são milho torrado, sete batatas assadas, farofa de farinha de mandioca torrada com Dendê. Às

Pombagiras são oferecidas pipoca e sete batatas assadas. O sangue oferecido aos Exus provem de galos vermelhos ou pretos, pombos e bodes escuros e para as Pombagiras de galinhas vermelhas ou pretas, pombas e cabras pretas e marrons. Ainda, aos Exus são oferecidas bebidas como cachaça e licores e para as Pombagiras são oferecidos licores e champagne.

Tabela 2 - Entidades da Linha Cruzada

	EXUS	POMBAGIRAS
CRUZEIRO	Tíri	Da Estrada
	Marabô	Das Almas
	Sete Cruzeiros	Rainha das Sete Encruzilhadas
	Destranca Ruas	Das Sete Saias
	Rei das Sete Encruzilhadas	Maria Padilha
	Tranca Ruas	Cigana do Acampamento
	Da Porteira	Menina
	Zé Pelintra, Pantera Negra	Do Oriente, Rosa Vermelha
	Da Capa Preta, Quebra-Galho, Ventania, Calunga, Sete Pedras, Sete Chaves, Sete Portas, Tranca Tudo.	
CEMITÉRIO	Exu Pagão	
	Exu do Cemitério	
	Pinga Fogo	Das Almas
	Caveira	Do Forno
	Tata Caveira	Maria Quitéria
	Da Meia-Noite	Maria Mulambo
	Exu Lanan	
	Quilombo	
PRAIA	Do Lodo, Maré	Da Praia, Cigana da Praia
MATA	Pantera Negra	Tucuara

A implantação e a multiplicação dessas religiões em território gaúcho acompanham, de certo modo, a própria história sócio-econômica do estado. Assim, como já assinalou N. Correa (1994), o Batuque floresceu na segunda metade do século 19 e adaptou-se às condições de um Rio Grande do Sul “tradicional”, eminentemente agrário, pois nessa forma religiosa a tradição regia a estrutura ritual com os orixás formando uma grande família patriarcal; os sacrifícios de animais não ofereciam problemas num estado pastoril e numa Porto Alegre em que havia ainda bairros “rurais”; as iniciações podiam ser mais demoradas pois as relações de trabalho ainda não eram pautadas por uma legislação rígida e inflexível.

Já a Umbanda se instalou no Rio Grande do Sul na década de 1930 num quadro social em que a implantação do capitalismo encontrava-se numa fase mais adiantada: a economia se monetarizava, iniciava-se o processo de industrialização, já ocorria o êxodo rural. O tempo tomava nova dimensão. As pessoas centravam suas vidas em torno do trabalho. Por isso, a Umbanda se adequou aos novos tempos: seus rituais não se prolongavam noite adentro, não faziam uso de tambores e não realizavam sacrifícios de animais. Dessa forma, os fiéis podiam cumprir suas obrigações religiosas sem alterar o ritmo do cotidiano e se levava em conta a diminuição dos espaços para criar os animais que, além disso, se tornavam cada vez mais uma mercadoria cara.

Por seu turno, a Linha-Cruzada surgiu a partir da década de 1960 numa fase de consolidação do capitalismo com o conseqüente incremento de graves problemas, tais como desemprego, insegurança, doenças, frustrações. Neste contexto, a Linha-Cruzada torna-se uma religião prática, pragmática, de serviço, que se especializa nas soluções sobrenaturais dos problemas do homem moderno.

ALGUMAS PISTAS EXPLICATIVAS DO “SUCESSO RELATIVO” DAS RELIGIÕES AFRO-GAÚCHAS

Se, como disse acima, as religiões afro-gaúchas têm conseguido, nas últimas décadas, congregar mais indivíduos do que em outros estados da

federação, o que poderia caracterizar um relativo sucesso, é porque se trata de um conjunto de religiões que, por certo, pelas suas características, seu *ethos* e suas especificidades, satisfazem, tanto quanto outras religiões, as necessidades e expectativas dos que delas se aproximam, sobretudo na resposta aos seus dramas e aflições de ordem terapêutica, sentimental e econômica, tal como já haviam apontado P. Fry e E. Howe, referindo-se à Umbanda e ao Pentecostalismo (FRY e HOWE, 1975).

A essa explicação meritológica juntam-se outras, de ordem sócio-cultural, associadas ao próprio Rio Grande do Sul, como sugestão de compreensão do movimento contrário das religiões afro-gaúchas em relação às demais afro-brasileiras do país. Refiro-me ao fato de que faz parte da tradição gaúcha a explicitação das opções religiosas - bem como políticas e esportivas, por exemplo - e não sua dissimulação ou escamoteamento. Tal explicitação recolhe, em grande medida, a sua aceitação, nem sempre sem conflitos, tal como, por exemplo, a existência do luteranismo em terras gaúchas ainda na primeira metade do século XIX.

É possível que a aceitação de um histórico pluralismo religioso gaúcho tenha contribuído para atenuar o preconceito em relação às religiões afro-brasileiras se comparado com outros estados, o que não significa que essas religiões e seus frequentadores não sejam ainda hoje vítimas de preconceitos, tanto por parte de importantes setores da sociedade gaúcha quanto de outros segmentos religiosos, especialmente dos grupos neo-pentecostais, como mostrou Vagner Gonçalves da Silva, para o Brasil como um todo, em recente livro (SILVA, 2007).

Ao reconhecimento do pluralismo religioso soma-se outro aspecto que pode ter contribuído para reduzir o preconceito contra as religiões afro-gaúchas. Trata-se da sua constituição universalizante, isto é, o fato dela ter transcendido sua condição étnica e ter se tornado religião aberta a todos os indivíduos, tal como ocorre, de resto, em todo o Brasil, onde as religiões afro-brasileiras, e não só elas, como sustenta A. F. Pierucci, andam na mesma direção: “de religião *étnica* para religião *universal*” (PIERUCCI, 2006:24).

Neste caso, do ponto de vista dos “brancos” que ingressam nas religiões afro-gaúchas não ocorre propriamente uma “conversão” às mesmas e

sim uma espécie de “sincretismo às avessas”, que tende a aproximar, mais simbolicamente e menos relativamente às frequências religiosas, as duas tradições religiosas e a inseri-las numa espécie de jogo de espelhos, que subentende encontros e entrelaçamentos, mas também distanciamentos e oposições.

Enfim, se levarmos em conta a afirmação de R. Prandi - segundo a qual há uma relação entre maior e menor preconceito contra as religiões afro-brasileiras segundo a mais longa ou mais recente implantação das mesmas nas diferentes regiões brasileiras (PRANDI, 2003) - então podemos concluir que uma relativa atenuação do preconceito contra as religiões afro-gaúchas pode estar vinculada ao fato delas terem sido, de fato, constituídas neste estado mais recentemente do que em outras religiões brasileiras. Embora, como disse, saiba-se de celebrações de rituais ainda no século XIX, sua “estruturação”, em solo gaúcho, ocorreu ao longo do século XX.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Lindomar. *Orixás: uma obra do afro-gaúcho*. Porto Alegre: Edição do Autor, s/d.
- BRAGA, Reginaldo Gil. *Batuque Jêje-Ijexá em Porto Alegre: a música no culto aos Orixás*. Porto Alegre: FUMPROARTE, Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 1998.
- CORREA, Norton. *O batuque gaúcho*. In: *História Viva. Cultos Afro*. 2007, p. 56-57.
- CORREA, Norton. *O batuque no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.
- CORREA, Norton. Panorama das religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul. In: ORO, Ari Pedro. *As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994, p. 9-46.
- DE BEM, Daniel. 2007. *Caminhos do Axé: a transnacionalização afro-religiosa para os países platinos a partir do terreiro de Mãe Chola de Ogum, de Santana do Livramento/RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FERNANDES, Mariana Balen. *Ritual de Maçambique: religiosidade e atualização da identidade étnica na comunidade negra de Morro Alto/RS*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

FERREIRA, Paulo Tadeu Barbosa. *Os fundamentos religiosos da Nação dos Orixás*. 2ª. ed. Porto Alegre: Ed. do Autor, 1994.

FERREIRA, Walter Calixto. *“Borel”: Ago-iê, vamos falar de orishás?*. Porto Alegre: Renascença, 1997.

FRIGERIO, Alejandro. Umbanda e Africanismo em Buenos Aires: duas etapas de um mesmo caminho religioso. In: *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, n.35, 1989, p. 52-63.

FRIGERIO, Alejandro; CAROZZI, Maria Julia. Las religiones afro-brasileñas en Argentina. In: *Cadernos de Antropologia*, Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, n. 10, 1993, p. 39-68.

FRY, Peter e HOWE, Gary N. Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo. In: *Debate e Crítica*, N. 6, 1975, p. 75-94.

LAYTANO, Dante de. Os africanismos no dialeto gaúcho. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, II trimestre do ano XVI, 1936.

LIRIO DE MELLO, Marco Antonio. *Reviras, Batuques e Carnavais: cultura de resistência dos escravos em Pelotas*. Pelotas: UFPel, Editora Universitária, 1995.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. 2ª. Ed., Petrópolis: Vozes, 2006.

ORO, Ari Pedro. *Axé Mercosul: as religiões afro-brasileiras nos países do Prata*. Petrópolis: Vozes, 1999.

ORO, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, 2002, p. 345-384.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências Sociais e religião – a religião como ruptura. In: F. Teixeira e R. Menezes (Org.). *As religiões no Brasil, continuidades e rupturas*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2006, p. 17-34.

PI HUGARTE, Renzo. Transnacionalização da religião no Cone-Sul: o caso do Uruguai. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (org.). *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 201-218.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. In: *Civitas*. Porto Alegre: PUC/RS, v. 3, n. 1, jun. 2003, p. 15-34.

SILVA, Maria Helena Nunes da. 1999. *O Príncipe Custódio e as religiões afro-gaúchas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Os ataques Neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil”. In: SILVA, V. G. da (org). *Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 9-28.

VERARDI, Jorge. *Axés dos orixás no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Produção Ed. Jan Com. E Representações, 1990.